



GORDOFOBIA, O ÓDIO A PESSOAS ACIMA DO PESO: EM PAUTA A MULHER GORDA

FATPHOBIA, HATRED OF OVERWEIGHT PEOPLE: ON THE AGENDA THE FAT WOMAN

Salvador de Souza Freitas

Administrador de Empresas - UNESA
Pós-Graduado em Marketing - UNESA
Pós-Graduado em Gestão de Equipes - UCAM
salvadoresouzafreitas@gmail.com

Amaro Sebastião de Souza Quintino

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF
amarotiao@yahoo.com.br

Priscila Barbosa Brunelli

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF
pribrunelli@hotmail.com

Shirlena Campos de Souza Amaral

Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, atuando nos Programas de Pós-graduação em Políticas Sociais (PGPS) e Cognição e Linguagem (PGCL)
shirlena@uenf.br

Resumo – O conceito de gordofobia surge nos EUA a partir de militantes gordas que passam a questionar e lutar contra a estigmatização para com o

grupo de pessoas gordas. A gordofobia deriva de atitudes preconceituosas, por meio de argumentações e chacotas com vista a ridicularizar indivíduos acima do peso. Esta pesquisa tem o escopo de dissertar a temática que tem se tornando alvo de debate e ganhado visibilidade na contemporaneidade, nas redes sociais, no trabalho, nas escolas, no ambiente familiar, dentre outros locais. O objetivo do artigo é trazer à baila uma problemática social que incide sobre grande parte da população brasileira, com ênfase na mulher gorda. A metodologia utilizada para elaborar este trabalho é bibliográfica, buscou-se teses, dissertações e artigos, nas plataformas *Google Acadêmico* e *Scielo*, que discorreram sobre a temática supracitada. Como resultado, percebe-se o discurso que associa magreza à vida saudável, as publicações midiáticas reverberando em discriminação às pessoas acima do peso e o reforço à ditadura da magreza. Consta-se que o corpo magro vem sendo, cada vez mais, reforçado como estereótipo de perfeição e, aos indivíduos acima do peso, é imposto a mudança de estilo de vida para se enquadrar em um padrão de imagem “perfeita”. A pesquisa nas plataformas digitais revelou o baixo quantitativo de trabalhos abordando a temática supracitada, mas demonstrou também que o tema tem ganhado visibilidade. As discussões sobre o que é ser uma mulher gorda, em uma sociedade misógina e gordofóbica, está sendo fomentada. Destarte, considera-se que o trabalho contribui para a desconstrução de um ideal de beleza, desmantelando o imaginário social daquilo que deve ser seguido como padrão de estética, com fito ser aceito, e incide majoritariamente sobre as mulheres, devido ao patriarcado que estrutura as relações sociais.

Palavras-Chave: Gordofobia. Preconceito. Mulher Gorda.

Abstract – The concept of fatphobia arises in the USA from fat militants who begin to question and fight against stigmatization as a group of fat people. Fatphobia derives from preconceived attitudes, through arguments and jokes with a view to ridiculing overweight individuals. This research was aimed at disserting a topic that was becoming the subject of debate and gained visibility in the contemporary world, in social networks, not at work, in schools, not in the family environment, among other places. The objective of the article is to trace a dance to a social problem that affects a large part of the Brazilian population, with an emphasis on the fat woman. The methodology used to elaborate this work is bibliographical, we searched for theses, dissertations and articles, on Google Academic and Scielo platforms, which discussed the aforementioned theme. As a result, there is a perception or discourse that associates poverty with healthy life, as media publications reverberate in discriminating against people overweight and reinforcing the dictatorship of poverty. It is verified that the lean body is being, more and more, reinforced as a stereotype of perfection and, overweight individuals, and forced to change their lifestyle to fit into a “perfect” image standard. Research on digital platforms revealed a low quantity of jobs addressing the aforementioned theme, but also demonstrated that the theme had gained visibility. The discussions about what it is to be a fat woman, in a misogynistic and fat-phobic society, is being encouraged. Destarte, it is considered that the work contributed to the deconstruction of an ideal of beauty, dismantling the social

imaginary that should be followed as a standard of aesthetics, as it should be accepted, and affects mostly women, due to the patriarchy that structures its social relations.

Keywords: Fatphobia. Preconception. Fat Woman

Considerações iniciais

Historicamente a mulher sofre com inúmeras cobranças relacionadas a estética de seu corpo, que tem gênese no arcabouço patriarcal da sociedade, com o capitalismo, operando mediante o consumismo, estruturando e reforçando essa cultura, tornando a magreza sinônimo de saúde e beleza (WOLF, 2020). Devido a ditadura imposta pela contemporaneidade, o corpo gordo, por se distanciar desse padrão estético, é visto como algo indesejável (JIMENEZ, 2020), associado a características e denominações negativas, tornando comum a agregação das pessoas gordas ao desleixo e ao fracasso.

Na metade do século XX, o avanço das indústrias, a expansão das cidades, a ampliação dos espaços de lazer, as transições de costumes e comportamentos, reverberaram no imaginário das mulheres com o fito de influenciar as mesmas a investir no próprio corpo. Os excessos de roupas e uso de utensílios como espartilho passaram a ser condenados pelos profissionais de saúde, permitindo às mulheres uma busca pela visibilidade do corpo, mediante o aprofundamento de decotes e uso de roupas de banho. Simultaneamente ao corpo que ganhava evidência, auferia também mais atenção e certos cuidados, que se estenderam à face.

A preocupação das mulheres em busca da beleza tem importância histórica, tanto quanto a forma de conceber e produzir o embelezamento, a obstinação em maioria de evitar desesperadamente o corpo gordo está baseado no antagonismo magreza/saúde, o qual se apoia nas afirmações da medicina e inclina-se a induzir os indivíduos gordos a se moldarem. Tal ato ocorre porque o discurso da obesidade tem impelido as pessoas ao controle rigoroso dos seus corpos, sendo o corpo gordo relacionado a falta de saúde (ARAÚJO *et. al.*, 2018).

As mulheres, maiormente, acatam os discursos da ditadura da beleza, buscando constantemente se encaixarem em um estereótipo esteticamente perfeito e sem vestígios de envelhecimento. Na sociedade hodierna, as redes sociais têm se

tornado cada vez mais presentes e acessíveis a todos os tipos de classes, propiciando também inúmeras mazelas sociais, com o uso das ferramentas virtuais como *Facebook*, *Instagram* e outras redes sociais digitais, que possibilitam a utilização de perfis falsos na prática de crimes, por intermédio de discursos de ódio contra pessoas transgêneros, homossexuais, negros, gordos, dentre outras minorias. Porém, cabe aqui salientar que estas mesmas plataformas podem ser utilizadas para dar visibilidade e servir de instrumento para combater preconceitos e discriminações, encorajando mulheres a aceitarem seu próprio corpo (NOVAES, 2005).

A partir dessa premissa, a pesquisa tem a proposta de evidenciar, mediante um recorte interseccional e de gênero, os impactos da padronização de beleza na estética feminina e como incidem e reverberam sobre as mulheres que, devido a vários fatores, não se encaixam nos padrões impostos pela sociedade contemporânea. Para isso, buscou-se publicações discorrendo sobre a temática nas bases *Scielo* e *Google Acadêmico*, além do aporte teórico de autores como Simone de Beauvoir (1986), Zygmunt Bauman (2017) e Michel Foucault (1984), para a elaboração deste artigo.

1. O conceito do corpo na Grécia Antiga

O corpo foi reprimido e punido, devido a visão ortodoxa da religião, até o século XVIII e, a partir do século XXI, tornou-se objeto do Capitalismo. Contemporaneamente, o corpo humano é feto epistemológico de ampla área da Ciência e Filosofia, constituindo-se um conhecimento interdisciplinar. Ao longo da construção e desenvolvimento da sociedade ocidental suscitou interesse em discuti-lo e estudá-lo com maior complexidade.

O processo de transformação do corpo, da Grécia antiga até o período nupérrimo, foi fomentado por motivações políticas, econômicas e religiosas, devido ao poder que se concentrava na classe burguesa de cada período. A posteriori, o corpo exerceu diferentes significados em cada sociedade (CASSIMIRO *et al.*, 2012).

O corpo foi alvo de inúmeros debates na Grécia antiga, ainda que assuntos como Política e Ética configurassem assuntos mais relevantes a serem discutidos pelos pensadores da época. Sócrates (470 a 399 a.c), Platão (427 a 347) e Aristóteles (384 a 322 a.C), durante a vida, discutiam sobre esse assunto. Sócrates defendeu a

tese de que o corpo é tão importante quanto a alma para o processo de interação do homem com o mundo, diferente de Platão, que possuía uma visão dicotômica, alegando que o corpo configura uma prisão para a alma. Aristóteles corroborou com o pensamento de Sócrates, fundamentando as ações humanas como um mecanismo interativo entre corpo e alma em um intrínseco processo contínuo de realização.

Os filósofos elucidaram as distintas visões do corpo desenvolvidas durante a construção da sociedade ocidental, esclarecendo e apreendendo sua constituição social, cultural e histórica. Tradicionalmente, durante a Idade Média, o corpo preponderantemente foi desvalorizado, reprimindo-se as pulsões dos desejos carnis. A devoção ao corpo era vista como um verdadeiro pecado, devido a concepção do corpo à uma vestimenta para a alma, sendo que a abdicação dos prazeres carnis reverbera no caminho para a salvação da alma.

O condicionamento físico para os gregos se configurava principal exercício, e se assemelhava a atividades como: lutas, guerras, ginástica e jogos olímpicos. Os gregos valorizavam atividades que envolvessem a estética e práticas que vigoravam o intelecto, a Metafísica, a Política e a Ética. Os gregos utilizavam as atividades físicas com a finalidade obter um corpo escultural e forte e, para provocar esse ideal corpóreo, eram erguidas esculturas com escopo de fomentar a prática de atividades e a beleza física. A música e a poesia tinham a incumbência de expandir o intelecto, destarte proporcionar o desenvolvimento integral do homem grego (SANTIN, 2003).

Desta maneira, os gregos cultuavam o corpo, corroborando o paradigma de que o físico deve estar em harmonia com a alma, ambos se desenvolvendo em conjunto. Porém, devido a constante mudança da sociedade, com o passar do tempo, esse pensamento foi desconstruído.

2. A mulher gorda em uma sociedade gordofobia

A filósofa Simone de Beauvoir (1908-1986) ao publicar a obra intitulada *O segundo sexo*, em 1960, trouxe à baila inúmeros questionamentos sobre o que é ser mulher em uma sociedade machista e misógina, ao declarar que “ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher” (BEAUVOIR,1960), suscitando inúmeros questionamentos que coadunam com questões sociais do século XXI. Dessa forma, tornar-se mulher

transcende os valores e normas de uma determinada cultura ou sociedade, com marcas, gestos, comportamentos, preferências e desgostos ensinados e/ou reiterados cotidianamente (LOURO, 2008).

Hodiernamente, emerge a supervalorização do corpo perfeito, com a mídia criando representações e práticas sociais que reverberam em uma imagem de corpos modelados e que cultuam uma “estética de si”, com fito de ser adotado pela sociedade (FOUCAULT, 2005). Tais práticas influenciam comportamentos e condutas sociais e a subjetividade está reduzida ao corpo, à aparência, à imagem, à saúde e à longevidade.

Constitucionalmente surge o predomínio da dimensão corporal. O corpo, então, tornou-se docilizado por regras e padrões postulados por um biopoder (FOUCAULT, 1997). Está imposta na sociedade uma tirania da magreza, com inúmeros estímulos que incidem sobre a padronização dos corpos, por meio de regimes dietéticos buscando manter a “boa forma”. Tal exigência de encaixar-se nos padrões sociais aceitos, incidem mais sobre o gênero feminino do que masculino, devido ao patriarcado que estrutura as relações sociais, desumanizando a mulher e a transformando em um objeto de desejo.

Frequentemente as mulheres são estimuladas a esculpir o próprio corpo, a fim de apresentarem a imagem ou aparência consideradas perfeitas e atrativas na sociedade. A imagem corporal é contemporaneamente uma temática em voga nas áreas jurídica, midiática e científica. Vários estudos vêm sendo realizados, dada a dimensão do problema em nível nacional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2004).

O trabalho discursivo de identidades desenvolvido pela mídia cumpre funções sociais básicas [...]. Essas funções são asseguradas pela ampla oferta de modelos difundidos e impostos socialmente por processos de imitação e formas ritualizadas. Esses modelos de identidades são socialmente úteis, pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem o sujeito na ‘comunidade imaginada’. A sofisticação produz uma verdadeira saturação identitária através da circulação incessante de imagens que têm o objetivo de generalizar modelos. A profusão dessas imagens age como um dispositivo de etiquetagem e de disciplinamento do corpo social (GREGOLIN, 2007a, p. 50).

Os padrões de beleza impostos pelas mídias provenientes do capitalismo, fomentam a busca por um padrão estabelecido como perfeito, ideal e “aceitável”, orientado pelos interesses das indústrias de consumo. Surge uma problemática na

contemporaneidade, caracterizada como modernidade tardia, mobilidade e identidades móveis (BAUMAN, 2005).

Os indivíduos são influenciados por paradigmas sociais que determinam o que é, ou deveria ser, um “corpo perfeito”, de modo que o gênero feminino é frequentemente associado a casos de gordofobia, emergindo no imaginário social que ser uma mulher gorda não é sinônimo de elegância e que apenas as mulheres magras possuem encanto ou formosura (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004).

Segundo os autores já mencionados, mulheres gordas são associadas à pessoas desmazeladas, indolentes, lerdas, feias, dentre outros estigmas, reverberando em discriminação, inclusive ao tentar se inserir no mercado de trabalho. Na busca por emprego, a aparência da mulher gorda se configura empecilho, pois os entrevistadores as assemelham à doentes ou incapazes de exercer as atividades laborais, devido a concepção discriminatória que a sociedade dissemina sobre o gênero feminino.

A visão sobre mulheres gordas na contemporaneidade, dissocia-se da idade média, período da história em que o corpo gordo era desejado e símbolo de estética, saúde e vitalidade, auferindo para mulheres acima do peso estigma de soberania e classe superior dominante. O corpo magro era repudiado e evitado com a mesma veemência que o corpo gordo atualmente (RODRIGUES, 2013).

Salienta-se que os 28 artigos que compõem o material de análise desta pesquisa, estão disponíveis na base de dados *Google Acadêmico* e *Scielo*. Cabe ressaltar que os artigos publicados em periódicos passaram pela revisão por pares, e que os trabalhos foram indexados em revistas distintas.

A partir do título dos periódicos nos quais os artigos científicos foram vinculados, com o auxílio do *WordArt.com*, um criador de arte em nuvem de palavras *on-line* que permite fácil elaboração gráfica, mesmo para usuários sem conhecimento prévio de design gráfico, elaboramos o mapeamento das palavras que amplamente foram usadas e relacionadas aos trabalhos que foram utilizados, representado na Figura 1.



Figura 1: Nuvem de palavras elaborada a partir das palavras-chave vinculadas aos artigos analisados

Fonte: Elaboração própria dos autores através dos dados da pesquisa.

Na análise da Figura 1, é possível corroborar com a temática gordofobia, como pode-se perceber, por meio do volume expressivo das palavras em destaque na nuvem, que está associada a discriminação, intolerância, mulheres gordas, e associação do gênero feminino gordo a estes estereótipos, mulheres estas que se tornam estigmatizadas pelos próprios indivíduos, mediante os sentimentos intrínsecos que estão arraigados na sociedade, devido uma construção social, advindas do patriarcado que objetificou a mulher historicamente.

3. Gordofobia no contexto brasileiro

No Brasil o número de pessoas que alcançam o sobrepeso atinge 54% da população, sendo que a porcentagem da população que se encontra em estado de obesidade chega a 18,9% (BRASIL, 2018). A aceitação das pessoas gordas na sociedade deveria ser natural e intensificada, pois trata-se de mais da metade dos habitantes do país. Contudo, a gordofobia é um fenômeno consuetudinário na sociedade.

Porém, a pessoa obesa carrega ainda um peso social, pois os padrões de aparência elegidos pela dinâmica social ao investir no corpo magro como sinônimo de saúde e beleza, responsabilizam o indivíduo pela administração de seu corpo, ocasionando efeitos concretos sobre as oportunidades e restrições experimentadas por pessoas que não correspondem a tais padrões (LOPES; MEDEIROS, 2017, p. 23).

Estar em estado de obesidade, é viver subjugado à uma visão social de preguiça e fracasso, ouvindo diariamente frases como: “só é gordo quem quer”, “não tem vergonha”, “come demais” e “não tem força de vontade” (DURANTE, 2017). Essas frases reverberam negativamente na vida das pessoas gordas, especialmente ao desfrutarem de ambientes sociais, ao apreciarem uma refeição em público e ao comprarem roupas, pois configura-se uma tortura psicológica devido as discriminações que sofrem.

Os equipamentos públicos, como os meios de transporte, não são feitos para corpos de tamanhos maiores. Carro, ônibus, avião e até mesmo elevadores não existem para pessoas gordas. Os cintos de segurança só vão até certo ponto, o tamanho dos assentos só acomoda até certo peso, há elevadores que definem a quantidade de pessoas e peso máximo, contando que as pessoas pesem em torno de 70 quilos. O que falar das cadeiras que são ou frágeis, ou pequenas demais para determinados corpos? (SILVA, 2018, p. 69).

As indústrias desprezam pessoas que não se enquadram em uma estética padronizada e, no vestuário, essa população tem constante dificuldade em acessar peças adequadas, sendo que, na maioria das vezes, dirigem-se às lojas especializadas que disponibilizam tamanhos *plus-size*, oferecendo uma falsa sensação de inclusão (DIREITOS SOCIAIS E EFETIVIDADE, 2019).

A supervalorização do discurso de combate ao excesso de peso, reverbera em marginalização que incide sobre pessoas acima do peso, gerando uma visão distorcida da realidade em que elas estão inseridas, pois angariam imagem do que não deveria existir e ser modelo a ser seguido.

A discrepância social, estética e em vários segmentos da sociedade, estipula o corpo magro como o símbolo de saúde e autocuidado, e o corpo gordo aufere a inadequação, mediante a desvio de padrão segmentado pelo capitalismo. Tal pensamento social, estimulado pelas mídias, gera uma tensão em que o corpo gordo angaria *status* de inimigo, e, dado o exposto, emerge uma batalha, para não se encaixar e estar longínquo deste padrão de corpo gordo estigmatizado (BRASIL, 2008).

Isto posto, observou-se que a gordofobia no contexto brasileiro está em constante avanço, devido ao fato de estar passando por marcantes construções significativas no que diz respeito ao corpo gordo, seus estigmas e preconceitos acarretam comportamentos gordofóbicos, fato que acaba gerando situações

degradantes e constrangedoras, que marginalizam a pessoa gorda e a excluem socialmente.

4. Resultados

O estigma social da pessoa obesa traz consigo muitos estereótipos, opiniões generalizadas e cristalizadas em função de atitudes pré-estabelecidas, reações sempre idênticas a necessidade da existência da adequação entre a imagem social e a corpulência do obeso, para que estes indivíduos sejam aceitos pela sociedade (FOUCAULT, 2006).

O senso comum dissemina a concepção de que indivíduos obesos abominam atividades físicas e possuem uma má alimentação, logo apresentam problemas crônicos de saúde, e sucede um julgamento moral tácito na maneira que a sociedade enxerga as pessoas gordas (FISCHLER, 1995).

Destarte, pessoas gordas são forçadas a perderem peso e se adequarem a um padrão imposto pela sociedade, com o intuito de encontrar roupas que sirvam ou contentar-se com as poucas opções que lhe restam. Tais dificuldades são cotidianas em âmbitos primordiais na sociedade. A esse tratamento e menosprezo dado às pessoas gordas pela sociedade, dá-se o nome de gordofobia, que é muito mais amplo do que a pressão estética a que todos estão submetidos.

A gordofobia é uma forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. As atitudes gordofóbicas geralmente reforçam estereótipos e impõem situações degradantes com fins segregacionistas; por isso, a gordofobia está presente não apenas nos tipos mais diretos de discriminação, mas também nos valores cotidianos das pessoas (ARRAES, 2022, *on-line*).

Seguindo esta teoria, o corpo configura uma linguagem e não apenas status em determinada forma de expressão; é somatório das relações político-histórico-simbólicas, não se isenta da historicidade e interpelação ideológica do sujeito, sendo assim, .o corpo está subordinado à condições de cada tempo; e, há um imaginário social em torno dele.

Por um viés, surge um ideal estético propagado socialmente, por outro, os que não atendem ao perfil do corpo magro experienciam os mais variados dissabores.

Dado que um é enaltecido, e outro inferiorizado (ORLANDI, 2012).

Por conseguinte, devido ao histórico de discriminação que o gênero feminino é alvo, surgem inúmeras campanhas e manifestações que visam combater e minimizar a discriminação contra as mulheres gordas, no Brasil. Vale lembrar, por volta do ano de 2014, a emergência do grupo de ativismo “Vai ter Gordas”, quando a partir de sites e páginas em redes sociais, por meio de vídeos, convocou-se as mulheres acima do peso, que se sentiam reprimidas pelo direito de usar um biquíni e não sofrer algum tipo de discriminação como, por exemplo, olhares de intolerância, piadas, a romper este aspecto estigmatizador, auferindo e incentivando a autoestima.

A posteriori foram surgindo, também, coletivos de incentivo ao amor próprio autônomo de tipo físico, a valorização de pessoas acima do peso mediante ensaios fotográficos, para demonstrar às mulheres o poder individual e pessoal possuído por elas, bem como ações de combate à gordofobia efetuadas e organizadas em atividades como desfiles comemorativos realizados em praças públicas (LIMA, 2020).

A partir de campanhas de reafirmação do corpo gordo, visto como belo e desejável, as pessoas acima do peso perdem o *status* que já tinham em função de qualidade de vida, saúde e boa forma. No antagonismo de corpulência como algo indesejado e desprestigiado, o corpo esguio e magro se assemelha ao que a sociedade considera belo e ideal. Neste conceito, a análise discursiva (AD), dialoga com a sociedade, determina o que pode e deve ser dito, o que deve ser seguido e determina padrões ideais, dita como o corpo deve ou não ser/estar para ser aceito (PÊCHEUX, 2014).

A memória discursiva é concebida doravante esfera coletiva e social, que fornece condições fundamentais para o funcionamento do discurso. Essa concepção traz à tona ao sujeito-mulher que o corpo, considerado belo, agradável, feminino e sensual, tem o pré-requisito ser magro (PÊCHEUX, 2020).

5. Considerações finais

Contemporaneamente, a gordofobia tem se tornado alvo de debate e ganhado visibilidade midiática devido as plataformas como *Facebook*, *Instagram*, dentre outras. Porém, o preconceito e a discriminação contra pessoas acima do peso, tem gênese

na década de 80 do século XX. Neste período, a obesidade se configurou algo a ser combatido pela medicina e o corpo magro passou a ser visto como sinônimo de saúde e beleza, concepção que perdura até os dias atuais.

As atitudes preconceituosas contra pessoas gordas, disfarçadas com justificativas supostamente aceitáveis, como a argumentação dos problemas de saúde que uma pessoa acima do peso pode adquirir, tornam essas pessoas alvo de inúmeras críticas e discriminação. Cabe ressaltar que o tamanho da barriga e o valor do peso não determinam o quão saudável uma pessoa pode ser. São os exames médicos que podem detectar o colesterol e o percentual de gordura de uma pessoa.

Maiormente, o gênero feminino é alvo constante das críticas em relação ao peso que possuem, devido a cultura machista e misógina que estrutura a sociedade, com gênese no patriarcado. A mídia regida pelo capitalismo impõe uma padronização que deve ser seguida, incidindo sobre as mulheres uma busca pela compleição física e estética perfeita, com fito de serem aceitas ou se encaixarem nos padrões exigidos.

Devido aos preconceitos que mulheres acima do peso sofrem, por não atenderem a uma demanda social, do que seria esteticamente aceito, torna-se mister criar mecanismos de representatividade positiva e/ou combater discursos de ódio que incidem e reverberam em baixa estima ou estereotipação negativa.

Isto posto, a pesquisa fomenta a criação de caminhos possíveis para a naturalização do corpo gordo, com intuito granjear uma representatividade congruente com as necessidades e vivências de mulheres gordas que apoiam a inclusão e acessibilidade, sendo imperativo o combate e o desmantelando dos discursos de ódio emitidos por pessoas gordofóbicas contra mulheres acima do peso.

Referências

ARAÚJO, L. S. *et al.* DISCRIMINAÇÃO BASEADA NO PESO: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. ***Psicologia em estudo***. Paraná, v. 23, p. 1-17. 2018. Acesso em: 06 nov. 2022.

ARRAES, J. **Gordofobia como questão política e feminista**. Disponível em: <https://cedeespe.blogspot.com/2015/01/gordofobia-como-questao-politica-e.html>. Acesso em: 06 nov. 2022.

BAUMAN, Z. Entrevista a Benedetto Vecchi. *In: Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Acesso em: 06 nov. 2022.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960. Acesso em: 06 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde (2018). **Vigitel Brasil 2014**: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. Brasília. Acesso em: 06 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Departamento de análise em saúde e vigilância de doenças não transmissíveis**. 2020 Disponível em: [Secretaria de Vigilância em Saúde — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/secretaria-de-vigilancia-em-saude-portal2-repositorio/File/revistametanoia/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf) Acesso em: 06 nov. 2022.

CASSIMIRO, E. S. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade. **Revista Eletrônica Print**, São João del Rei-Mg, p. 61-79, 2022. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistametanoia/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf. Acesso em: 06 nov. 2022.

DIREITOS SOCIAIS E EFETIVIDADE. Rio de Janeiro/RJ: GRUPO MULTIFOCO, ago. 2019. Disponível em: https://www.caedjus.com/wp-content/uploads/2019/08/Direitos_sociais_e_efetividade_miolo.pdf. Acesso em: 06 nov. 2022.

DURANTE, F. **SAÚDE NÃO TEM TAMANHO: quando a gordofobia vem do médico**. Disponível em: <https://flaviadurante.blogosfera.uol.com.br/2017/10/28/saude-nao-tem-tamanho-quando-a-gordofobia-vem-do-medico> Acesso em: 06 nov. 2022.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. *In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, págs. 69-80, 1995. Acesso em: 06 nov. 2022.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1 - A vontade de saber**. 16. ed. Trad. Maria T. Albuquerque e João A. G. Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005. Acesso em: 06 nov. 2022

FOUCAULT, M. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Acesso em: 06 nov. 2022.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. Acesso em :
Acesso em: 06 nov. 2022.

GREGOLIN, M. R. (Org.) **Discurso, História e a Produção de Identidades na Mídia**. In: POSSENTI, Sírio; FONSECA-SILVA, Maria da C. (Orgs.) *Mídia e Rede de Memória*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007a, p. 39-60 Acesso em: 06 nov. 2022.

IBGE (2004). *Síntese dos indicadores sociais* Retirado em 02/06/2006, de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2004/default.shtm> Acesso em: 06 nov. 2022

JIMENEZ, M. L. J. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismo**. 2020. 237 f., Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea – Comunicação e Mediações culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020. Acesso em 06 nov. 2022.

LIMA, N. F. **Gordofobia - do seu enfrentamento ao empoderamento de mulheres em nossa sociedade. Estudo de caso da “liga transforma” e suas ações educativas**. 2020. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação Campus I- Dede I, Universidade do Estado da Bahia- Uneb, Salvador -Ba, 2020. Cap. 59. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/63558046/NATALIA_TCC_FINAL_E_REVISADO_220200607-35943-19i0y36-with-cover-page-v2.pdf? Acesso em: 06 nov. 2022.

LOPES, V. R.; MEDEIROS, C. R. de O. Estigmas da obesidade no contexto das organizações: abominação, fracasso e incapacidade. **Revista Organizações em Contexto**, v. 13, n. 25, p. 21–49, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/7076>. Acesso em: 06 nov. 2022.

LOURO, G. L. GÊNERO E SEXUALIDADE: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Rio Grande do Sul, v. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Documents/Artigos%20transgeneros%20e%20travestis/Louro%202007%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Documents/Artigos%20transgeneros%20e%20travestis/Louro%202007%20(2).pdf) Acesso em: 06 nov. 2022.

NOVAES, J. V. A VIOLÊNCIA DA IMAGEM: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza - Ce, p. 109-144, mar. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v5n1/06.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2022.

ORLANDI, E P. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2 ed., Campinas: Pontes, 2012. acesso em 06 nov.2022.

- PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. 3 ed. Campinas: Pontes, 2020, p. 45-53 Acesso em 06 nov. 2022.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014. Acesso em 06 de nov. 2022.
- RODRIGUES, M. O GORDO, O BELO E O FEIO: o embate entre obesidade e padrões estéticos. **ComCiência**, Campinas, n. 145, 2013. Disponível em http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 nov. 2022.
- SANTIN, S. **Uma abordagem filosófica da corporeidade**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003. Acesso em: 06 nov. 2022.
- SILVA, B. L.; CANTISANI, J. R. INTERFACES ENTRE A GORDOFOBIA E A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM NUTRIÇÃO: um debate necessário. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 13, n. 2, 2018. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/33311>. Acesso em: 06 nov. 2022.
- VASCONCELOS, N.; SUDO, I.; SUDO, N. UM PESO NA ALMA: o corpo gordo e a mídia. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 4. n. 1. p. 65-93. 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/271/27140104.pdf> Acesso em: 06 nov. 2022.
- WOLF, N. **O MITO DA BELEZA: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Trad. Waldea Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. Acesso em: 06 nov. 2022.